

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como funcionário na biblioteca do estado (atual) e dedicou-se ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Serviço Antropométrico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da Paraíba e do Ceará, e publicou os seguintes livros: *Parabéns* (1911), *Parabéns* (1912), *Parabéns* (1913), *Parabéns* (1914), *Parabéns* (1915), *Parabéns* (1916), *Parabéns* (1917), *Parabéns* (1918), *Parabéns* (1919), *Parabéns* (1920), *Parabéns* (1921), *Parabéns* (1922), *Parabéns* (1923), *Parabéns* (1924), *Parabéns* (1925), *Parabéns* (1926), *Parabéns* (1927), *Parabéns* (1928), *Parabéns* (1929), *Parabéns* (1930).

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o poeta que foi publicada em 1900, e que foi traduzida para o português em 1901. Após a publicação da tese, o poeta passou a trabalhar em uma escola estadual em Fortaleza. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião da Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira reunião da Academia Cearense de Letras, ocasião em que o poeta foi eleito o primeiro presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO  
1901

Vence a Fúria e o Desejo,  
Que se iluminam de luz,  
Das cinzas do Proconceito  
Recupera novos bens,  
Tirando a fim a unidade,  
Magnifico a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Fúria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros.

## FRANCISCO CARVALHO

Francisco de Oliveira Carvalho nasceu em Russas, estado do Ceará, no dia 11 de junho de 1927. Notável poeta cearense, reconhecido no Brasil a julgar pelos vários prêmios que fez jus. Iniciou seu trabalho poético nos jornais *O Nordeste*, *O Povo* e o *Unitário*. Ingressou em 1964 na Universidade Federal do Ceará, ocupando as importantes funções de secretário do Conselho Universitário, membro do Conselho de Redação do Jornal de Cultura da UFC e do Programa Editorial da Casa José de Alencar. Participou dos suplementos literários dos jornais *O Povo*, *Diário do Nordeste* e do Suplemento de Literatura de Minas Gerais. Recebeu as Medalhas do Mérito Cultural e Administrativo da UFC.

Autor de extensa obra poética, com destaque para: *Os mortos azuis*, 1971; *Pastoral dos dias maduros*, 1977; *As verdes léguas*, 1ª ed. 1979, 2ª ed., 1997; *Rosa dos eventos*, 1982; *Quadrante solar*, (Prêmio Nestlé de Literatura em 1982), 1983; *Crônica das raízes*, 1992; *Sonata dos punhais*, 1994; *Artefatos de areia*, 1995; *Raízes da voz*, 1ª ed. 1996 e 2ª ed. 1997; *Os exílios dos homens*, 1997; *Romance da nuvem do pássaro*, 1998; *A concha e o rumor*, 2000; *O silêncio é uma figura geométrica*, 2002; *Centauros urbanos*, 2003; *Corvos de alumínio*, 2007; e *Exercícios de utopia*, 2009. Em 2004 publicou, pela Imprensa Universitária, o livro *Memórias do espantelho* – Poemas escolhidos. Recebeu os prêmios: Concurso de Poesia da Academia de Letras de Teresópolis (duas vezes), da UFC e da Primeira Bienal Nestlé de Literatura, em 1982.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 26 de abril de 1996, ocasião em que foi saudado pelo então presidente Artur Eduardo Benevides. Ocupa a vaga deixada por Cláudio Martins, cadeira número 31, cujo patrono é Farias Brito.

### BIOGRAFIA DE TODOS

*Somos os que tecem túnicas  
para os que não voltam.*

*Fazemos as nossas viagens  
no cavalo de Tróia.*

*Tocamos a flauta de Anfion  
para refazer sonhos e poemas.*

*Carregamos uma pedra  
que despenca da montanha.*

*Seguimos as curvas das moças  
quando voltam do cinema.*

*Ou quando pisam nos astros  
a caminho de Ipanema.*

*Em algum momento de nossas vidas,  
fomos amantes de Ana Bolena.*

### FALSO SONETO DE AMOR

*Na insônia das estrelas e da idéia,  
passeias no camelo de uma vaga.  
Amor e ódio: gumes da mesma adaga  
que degolou os filhos de Medéia.  
Destroços de ilusões, eis o que resta  
das noites vãs em que sonhei contigo.  
Com teus mormaços e a nudez do umbigo  
a seduzir meus olhos de profeta.  
Agora, que o mistério já me espreita  
com seu faro de cobra à flor da pele,  
penso em teu corpo esguio de pantera  
que devora o banquete e já se deita.  
Quando me entrego às nuvens forasteiras,  
tu passeias nos rastros das fogueiras.*

### PACTO DE SANGUE

*Naquela noite em que os galos dos povoados  
emudeceram repentinamente nem  
se ouviu o arrulho dos veios cantarolando  
entre os gumes das pedras.  
Nem os cavalos desceram da montanha  
seduzidos pelos rastros perfumados das éguas.  
Nem os cachorros perturbaram a insônia  
das cadelas. Nem os campanários das ermidas  
dobraram pelos velhos dos arrabaldes.  
Nem a lua semeou reflexos amarelos na paisagem  
devastada pelos gafanhotos.  
Nem as borboletas saíram do casulo nem  
as corujas desceram das cornijas.  
Naquela noite, Juliana Burgos, a prostituta,  
celebrava um pacto de sangue  
para o noivado da morte.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.